PRONÚNCIA DO PORTUGUÊS PASSO A PASSO

JOSEPH GHANIME LÓPEZ
E VALENTIM FAGIM

ATRAVÉS
editora

ATRAVÉS da língua 33

PRONÚNCIA DO PORTUGUÊS PASSO A PASSO

1ª edição, agosto 2025

© Joseph Ghanime López e Valentim Fagim
© (Ilustrações) Andrea López
© (Vozes) Miguel Moreira, Catarina Raposo e Ivonete da Silva Isidoro
© AGAL

Associaçom Galega da Língua
Santiago de Compostela (Galiza)
atraves@a.gal
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-10491-06-9
DL: C 1239-2025

Revisão textual: Mário João de Almeida Machado, Catarina Raposo e Guilherme Malaquias
Diagramação e capa: Miguel Durão
Impresso na Galiza: Sacauntos Cooperativa Gráfica

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

ÍNDICE

PRÓLOGO | 9

A PRONÚNCIA DO <O> COMO /U/.
Fecha a boca como o crocodilo | 21

AS VOGAIS NASAIS.
Nasaliza como o minhocão e a rã | 25

AS SIBILANTES PALATAIS: /ʃ/ e /ʒ/.
Faz a diferença entre chimpanzé e joaninha | 29

O «S SURDO» /S/ e O «S SONORO» /Z/.
Faz a diferença entre serpente e zebra | 33

AS PRONÚNCIAS DA LETRA <X>.
Na toca do texugo há um <x> heterodoxo | 37

A PRONÚNCIA DO <B> E DO <V>.
Faz a diferença entre baleia e vaca | 41

«E ABERTO» E «E FECHADO».
Faz a diferença entre lebre e pega | 45

«O ABERTO» E «O FECHADO».
Faz a diferença entre hipopótamo e mocho | 51

«A ABERTO» E «A FECHADO».
Faz a diferença entre pato e tartaruga | 57

O «E RELAXADO» EM SÍLABAS NÃO ACENTUADAS.
Ouve o «e» pequenito do elefante | 63

SÍNTESE: A REDUÇÃO DAS VOGAIS EM PORTUGUÊS EUROPEU | 69

AS PRONÚNCIAS DO <L> E DO <LH>.
Faz a diferença entre lontra, caracol e ovelha | 71

AS PRONÚNCIAS DO <R> E DO <RR>.
Faz a diferença entre a arara e a rã | 75

DITONGOS ABERTOS E FECHADOS.
Faz a diferença entre a jiboia e o boi | 79

ENCONTROS DE VOGAIS: EA, EO, OA...
Salta de uma sílaba para outra, como o veado e o coelho | 85

AS VOGAIS DOS VERBOS.
Dorme o gato, corre o rato e foge o pato | 87

VOGAIS ABERTAS ANTES DE GRUPOS DE CONSOANTES.
Quando o corvo deixa cair o queijo, a raposa abre o focinho | 93

MAIS CASOS DE VOGAIS ABERTAS.
Abre o «o» do rinoceronte para avistar o horizonte | 99

O SABOR BRASILEIRO - CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS.
A gralha-azul e a pega-rabuda fazem ninho e têm asa,
mas não se casam | 103

HERRAR É UMANO | 109

PRATICAR A PRONÚNCIA SEM PASSAR PELA LÍNGUA ESCRITA | 113

PRATICAR A PRONÚNCIA COM CANTIGAS E POEMAS | 119

FERRAMENTAS PARA UMA APRENDIZAGEM AUTÓNOMA | 123

SÍMBOLOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS USADOS | 125

O ALFABETO: CORRESPONDÊNCIA ENTRE LETRAS E SONS | 127

PRONÚNCIA (VOGAIS, DITONGOS, CONSOANTES)
EM PORTUGUÊS EUROPEU | 129

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 133

PRÓLOGO

A pronúncia é frequentemente apontada como uma dificuldade do português. Este livro foi concebido como uma carta náutica para acompanhar a aquisição desse aspeto da aprendizagem da língua.

O nosso porto de destino é a aquisição de uma pronúncia adequada do ponto de vista comunicativo. Do lado de bombordo, localizaremos alguns escolhos e rochedos que dificultam o avanço; do lado de estibordo, daremos algumas pistas para aproveitar os ventos benéficos à navegação. Nos momentos de calmaria, diremos alguma lengalenga ou adivinha, para que a dança das vogais e das consoantes também nos regozije de vez em quando.

A quem é dirigido este livro?

Este livro nasceu com espírito internacional e abrangente, podendo ser aproveitado por qualquer pessoa interessada no português — desde que tenha a familiaridade suficiente com a língua para acompanhar as explicações.

Independentemente da língua materna de que se parte, qualquer estudante terá de dedicar alguma atenção a certas dificuldades da pronúncia do português, como a redução e timbre das vogais; a nasalidade; as consoantes sibilantes; ou a representação de cada um destes aspetos na língua escrita. A isto acresce que hoje em dia muitas pessoas chegam ao português, não apenas com a sua língua materna na mochila, mas também outras que já aprenderam (inglês, francês, etc.), e cujos sons foram incorporando ao repertório pessoal. Consequentemente, o ponto de partida de cada aluno e aluna é condicionado pela biografia linguística no seu conjunto, e não só pela língua ou línguas adquiridas na infância.

Alguns dos esclarecimentos visam, todavia, facilitar o caminho a um público-alvo mais específico: os alunos e alunas que, ao começarem a aprender português, têm como língua de referência o castelhano, ou a ortografia mais comummente usada do galego. Esse é o perfil predominante nas nossas aulas — nós trabalhamos como professores de Escola Oficial de Idiomas na Galiza. Contudo, demos o nosso melhor para que as chamadas de atenção às pessoas com esse perfil não carregassem demasiado o texto. Além disso, também aludimos pontualmente a aspetos relevantes para falantes de outras línguas. Em suma, este é um livro «made *in* Galiza», mas procura *não* ser, exclusivamemente, «made *for* Galiza». Caberá às pessoas que o lerem julgar se o objetivo foi cumprido.

Porquê *Pronúncia do Português «Passo a passo»*?

A abordagem «passo a passo» transparece duplamente na estrutura do livro.

Por um lado, as unidades foram escolhidas visando uma progressão com base pedagógica — não a exaustividade descritiva. Uma abordagem possível para um manual de pronúncia é descrever em primeiro lugar tudo o que diz respeito às vogais, e logo a seguir, o que se refere às consoantes. Porém, nós organizámos os conteúdos de acordo com as prioridades de um percurso de aprendizagem. Consequentemente, resolvemos colocar na popa do nosso navio:

- Os padrões fonéticos que afetam um grande número de palavras e são fáceis de sistematizar, como a pronúncia /u/ da maioria das vogais <o> não acentuadas no português europeu.

- Os padrões fonéticos transversais à maior parte das variedades de português, como a nasalidade ou os traços mais destacáveis do sistema de sibilantes.

Por outras palavras, consideramos prioritário aquilo que se pode adquirir de forma mais simples nas primeiras horas de navegação; e o que, do ponto de vista comunicativo, faz com que as pessoas com quem interagimos tenham a noção clara de que estamos a falar com elas em português.

O conceito «passo a passo» também transparece na estrutura interna de cada unidade: na epígrafe «foco» de cada secção sintetiza-se a ideia central; em «pormenor», fornecem-se explicações mais detalhadas; «marrar e desamarrar» contém exercícios práticos, e logo a seguir, a chave de respostas dos mesmos, num tamanho de letra menor; a «grumete» é uma revisão que convida a parar-se a refletir sobre o já visto. Uma componente essencial do livro são as gravações que acompanham alguns dos exercícios da secção «marrar e desamarrar» — na língua coloquial e na gíria portuguesa dos estudantes, *marrar* significa ‘estudar sem descanso’.

Este é um livro de investigação ou de didática do português?

Este é um livro de didática do português. Os autores não são pesquisadores a fazer investigações teóricas na área da fonética e fonologia, mas docentes que precisam de transmitir os princípios da pronúncia do português nas suas aulas. Isto não exclui que a obra possa interessar a docentes de língua ou outras pessoas com uma curiosidade pela fonética mais teórica ou generalista.

O estilo escolhido para a redação do livro é uma ponte entre a linguagem especializada e o tom divulgativo. Acreditamos que ter umas noções gerais de fonética é útil para qualquer estudante de línguas — por exemplo, permite perceber a transcrição fonética de um dicionário. Resolvemos não fugir a termos como «sibilante» ou «vogal nasal», mas procurámos esclarecê-los quando surgiam pela primeira vez. Nalguns casos recorremos a transcrições fonéticas; noutros, optámos por imitar de forma aproximada a pronúncia, a fim de destacar algum traço concreto de maneira mais direta ou acessível.

O livro pode ser usado de maneira autodidata ou na sala de aula. Todas as atividades têm chave de respostas, logo a seguir ao próprio exercício, a fim de agilizar a consulta. Quanto à utilização em sala de aula, cada docente saberá adaptar os materiais às necessidades dos seus estudantes e ao seu próprio estilo de ensino. Será sempre bem-vinda qualquer sugestão de melhoria que as pessoas leitoras nos fizerem chegar.

Que visão da língua portuguesa serviu de alicerce a este livro?

Os autores deste livro partem de uma visão pluricêntrica do português. Por outras palavras, acreditamos que aquilo que é comum às variedades geográficas da língua é mais prioritário do que aquilo que caracteriza uma variedade específica.

Usámos a variedade portuguesa como referência habitual por uma razão de ordem puramente pragmática: Portugal é o país de língua portuguesa com que os nossos estudantes estabelecem contactos diretos mais frequentes. Também acreditamos que, nas primeiras fases de aprendizagem, a referência de um padrão de pronúncia estável e concreto pode simplificar o percurso. De qualquer forma, a obra também inclui frequentes alusões ao português do Brasil e uma secção inteiramente dedicada a essa variedade.

Assumimos como uma lacuna deste trabalho a falta de alusões à pronúncia das variedades africanas e asiáticas da língua. A omissão deve-se apenas às nossas próprias limitações e à maior dificuldade em encontrar estudos pormenorizados e abrangentes. Tencionamos incluir essas referências numa edição posterior, aproveitando o intervalo para alargar os nossos conhecimentos sobre a dimensão fonética dessas variedades da língua.

Por fim, galego e português são experienciados no nosso percurso vital como dois compassos das batidas de um mesmo coração — como a mesma partitura interpretada com afinações ou instrumentos diferentes. Sendo assim, para quê transmitir noções de fonética do português a estudantes galegos?

Embora possa parecer paradoxal, acreditamos que a prática da pronúncia e da entoação também faz sentido para quem aprende português na Galiza. Enquanto docentes, procuramos capacitar os estudantes para a interação comunicativamente clara e natural em contextos lusófonos. No entanto, a maioria dos falantes de português tem poucas referências sonoras do galego atual, podendo perceber com alguma estranheza que *canção* seja pronunciado sem nasalidade; *certeza* e *beleza*, com o som surdo do «zeta»; ou que faltem os contrastes claros entre vogais tónicas e átonas, abertas e fechadas — contrastes esses que, sendo ingredientes essenciais do fonética galega, nem sempre transparecem de forma nítida na oralidade dos e das falantes de hoje em dia, nomeadamente nos contextos mais urbanos.

Nós optamos por não obviar a perceção de distância que têm muitos falantes de português em relação à fonética do galego contemporâneo. Consequentemente, parece-nos coerente aproximar-se de uma pronúncia que os interlocutores lusófonos percebam, logo no início de uma conversa, como uma variedade linguística situada «dentro» do português — sem necessidade de esclarecimentos ou justificações por parte de quem fala. Além do mais, os conhecimentos de pronúncia do português serão de ajuda para aprimorar a fonética do próprio galego, nomeadamente no que diz respeito ao reforço dos contrastes já referidos entre vogais abertas e fechadas.

Por fim, a familiaridade com a pronúncia das outras variedades do português não impede que, conscientemente, cada estudante decida aproximar-se ou afastar-se em maior ou menor medida dos padrões de pronúncia portugueses ou brasileiros; manter o sotaque galego nas interações, se de facto esse for o seu desejo; ou, inclusivemente, ir alterando o seu sotaque de acordo com o contexto. Afinal, esse tipo de adaptações são feitas pelos próprios falantes portugueses, brasileiros e angolanos, quando passam algum tempo noutro país de língua portuguesa.

Que visão da importância da pronúncia transparece neste livro?

Ao aprender uma segunda língua, é comum que se assuma como objetivo a aquisição do sotaque de um «falante nativo». Não raro, a mensagem é reforçada pela publicidade que acompanha alguns métodos de ensino. Essa visão assenta em argumentos que fazem, sim, algum sentido, como os seguintes:

- As pessoas que possuem um sotaque inconfundível com o de um falante nativo costumam ser logo elogiadas por isso, o qual aumenta a sua autoestima e confiança enquanto falantes da língua. Pelo contrário, o sotaque excessivamente marcado pela língua materna pode ser assinalado como uma falha ou dificultar a comunicação.

- A referência do sotaque do falante nativo é uma motivação forte para melhorar a pronúncia com uma noção clara de aonde se pretende chegar na oralidade.

- Em contextos profissionais muito especializados, é possível que um sotaque próximo daquele dos falantes nativos seja, de forma explícita ou implícita, valorizado positivamente (por exemplo, num concurso para professor da língua) ou até considerado imprescindível (como no caso de um/a repórter de rádio ou televisão, ou de um espião ou espiã...).

- A noção de que as línguas «pertencem» em primeiro lugar aos falantes nativos está bastante estendida. De acordo com essa ideia, aproximar-se do sotaque nativo supõe adquirir uma certa legitimidade enquanto falante.

- No caso concreto dos estudantes de português com o castelhano como referência, é frequente que, ao viajarem a Portugal, os seus interlocutores lusófonos rompam a falar em espanhol ou até inglês, quando percebem um sotaque espanhol muito marcado. Na verdade, muitas vezes nem faz falta começar a falar para a pessoa portuguesa recorrer ao espanhol — a maneira de vestir, a pertença a um grupo de turistas, ou o bilhete de identidade na receção de um hotel, poderão bastar para que se opere a mudança de língua.

Ao aprender, cada pessoa deverá tirar o maior proveito possível das suas motivações, sendo inegável que a imitação dos falantes nativos é uma das mais poderosas. Faz sentido, porém, convidar a alguma reflexão sobre os argumentos acima referidos:

- Em condições de aprendizagem similares, o número de estudantes que consegue falar com um sotaque inconfundível com o de um nativo é francamente reduzido. Assumir esse objetivo como prioritário poderá resultar na perceção de falhanço da maioria dos estudantes, mesmo após anos de estudo ou residência no país em que a língua é falada.

- Não é imprescindível receber aplausos pela pronúncia numa primeira conversa para que interação seja satisfatória comunicativamente. Todos conhecemos pessoas que, após anos de residência num país, mostram um domínio inquestionável da língua, mesmo com traços da sua biografia linguística prévia. Os sotaques dos falantes não-nativos até fazem parte da variedade de uma dada língua.

- Um sotaque um bocado marcado acaba por ser menos problemático do que outro tipo de inadequações, nomeadamente as resultantes do desconhecimento das pautas culturais de comportamento. No mundo

lusófono, poderá ser percebida de maneira mais negativa uma pessoa demasiado direta nos seus pedidos, ou que se esquece de agradecer a ajuda prestada, do que alguém que não pronuncia um «lh» perfeito.

- As línguas não entendem de genes nem registos da propriedade, sendo uma das formas de identidade mais abertas: qualquer pessoa pode aprender outra língua, desde que não seja impedida de o fazer por razões de saúde. As pessoas que aprendem uma língua estrangeira, ou uma segunda língua de comunicação no seu próprio país, passam a integrar a comunidade de falantes.

- No caso de uma língua global como o português, os estudantes estarão expostos a sotaques de diversas variedades geográficas. No próprio Portugal há uma percentagem significativa de pessoas originárias do Brasil ou de outros países de língua oficial portuguesa, que por sua vez influem linguisticamente nos próprios portugueses. A ideia de aprender um português de Portugal, um inglês da Inglaterra ou um castelhano de Castela «certinho» não costuma condizer com a realidade. O mais habitual no processo de aprendizagem é que cada estudante seja, sim, mais influenciado por alguma das variedades geográficas — mas sempre com ingredientes das outras.

- A imensa maioria dos trabalhos pode ser realizada sem ter o sotaque de um falante nativo. Quanto à formação académica, mesmo nos níveis mais altos de proficiência (C1 e C2 do Quadro Europeu Comum), os critérios de avaliação costumam ser formulados em termos comunicativos (naturalidade, fluência, compreensibilidade) — e não na capacidade para fazer-se passar por falante nativo de uma variedade específica.

- Apesar dessa primeira passagem ao espanhol ou ao inglês, a imensa maioria dos interlocutores lusófonos aceitará de bom grado comunicar-se em português com as pessoas que mostram interesse na língua. Normalmente basta manifestar o desejo de passar ao português porque se está a aprender o idioma. Aliás, é possível que esses mesmos interlocutores se tenham encontrado, previamente, com outros falantes de espanhol que se dirigiam a eles em castelhano, sem terem feito o esforço de falar português, o qual predispõe o interlocutor português a mudar de código de forma quase automática — a isto junta-se o próprio desejo que têm muitas pessoas em Portugal de praticar ou mostrar os seus conhecimentos de línguas, ou simplesmente a vontade de serem gentis, passando para a língua «do outro».

Na nossa visão, o objetivo principal da didática da pronúncia ou entoação não é a personificação total de um falante nativo idealizado, mas o reforço da capacidade comunicativa na comunidade de falantes. No final do seu

percurso de aprendizagem formal, aspiramos a que os estudantes falem com um sotaque:

- que os interlocutores reconheçam claramente como sendo uma forma de português;
- que permita a compreensão clara do conteúdo das mensagens;
- capaz de transmitir significado e intenção comunicativa através da entoação;
- progressivamente mais natural, à medida que o/a estudante avança na aprendizagem.

Nesse processo, entendemos que a exposição extensiva à língua dos falantes nativos é uma mais-valia imprescindível e uma grande fonte, sim, de inspiração e motivação para a navegação — mas esse sotaque inteiramente «nativo» não será necessariamente o porto de destino da grumete.

Por fim, este livro não se debruça sobre a entoação, cuja abordagem deixamos para uma edição posterior. Na oralidade, a «melodia» da língua é tão importante como a produção adequada de sons e fonemas. No entanto, é mais complexo concretizar num livro, de forma claramente compreensível para a generalidade dos estudantes, os padrões entoativos de uma língua. Algo parecido acontece com a línguagem não verbal e a gestualidade, mais difíceis de adquirir numa focagem «passo a passo».

A nossa dica, por enquanto, é partir do «pare, escute, olhe», que encontramos nos caminhos de ferro portugueses — juntando, a essa capacidade de observação atenta, o *pouca terra, pouca terra, pouca terra,* com que crianças imitam o comboio.

Que fontes foram de utilidade para a redação deste livro?

O nosso trabalho não teria sido possível sem o auxílio de ótimas ferramentas de consulta e estudos prévios de linguistas especializados na área, que nos permitiram apurar os nossos conhecimentos e esclarecer dúvidas durante o processo de escrita. Fique desde já a nossa gratidão e reconhecimento a quem facilitou esse caminho e às pessoas concretas, referidas nos agradecimentos iniciais, que esclareceram dúvidas específicas.

As obras consultadas estão referidas na bibliografia final, bem como uma síntese prévia com aquelas referências que consideramos mais úteis para quem quiser navegar de forma autónoma por estes mares. Dado o carácter didático e divulgativo desta obra, procurámos não carregar o texto de notas de rodapé. As fontes que foram usadas para esclarecer aspetos concretos constam no espaço atribuído a cada unidade dessa bibliografia final.

No que toca a dicionários, revelaram-se de especial utilidade o *Dicionário Fonético* do Portal da Língua Portuguesa; a *Infopédia*; o *Dicionário da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa*; e o *Dicionário Priberam.*

Tivemos frequentemente nas nossas secretárias a *Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra; a *Gramática Portuguesa* de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz; a *Gramática da Língua Portuguesa* de Maria Helena Mira Mateus *et al.*, e o volume III da *Gramática do Português* da Fundação Calouste Gulbenkian.

O *Manual de Fonética,* de Francisco Espada, e o *Manual de Pronúncia e Prosódia,* de Luísa Coelho e Carla Oliveira, foram ferramentas valiosas para a nossa prática docente, e para o esclarecimento de dúvidas relacionadas com este trabalho. O mesmo podemos dizer de *Fonética do Português Europeu,* de Manuel Emiliano, uma abordagem mais teórica, que inclui informações difíceis de encontrar noutras fontes, como a pronúncia de topónimos de uso frequente.

Do Ñ para o NH, tendo sido escrito por um de nós — o Valentim —, serviu de inspiração aos dois. Até certo ponto este projeto bebe do mesmo vento que impulsionou aquele — a escolha dos aspetos relevantes para facilitar a passagem ao português. Anos volvidos, *Português passo a passo* traz uma geografia de conteúdos mais ampla, a caminho de um público-alvo também mais alargado.

O *Manual de Língua Portuguesa,* de Paul Teyssier, é um dos portos a que sempre regressa o nosso navio — continua a cativar-nos a abrangência e clareza dos esclarecimentos. Sirvam estas palavras para render-lhe a devida homenagem.

Por fim, o que seria de nós sem o *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*? Devemos a esse salva-vidas do Instituto Universitário de Lisboa o resgate de mais de um naufrágio — no meio dos cantos sibilantes das sereias e dos murmúrios nasais dos homens-marinhos destas rias a norte.

Os áudios do manual podem ser descarregados no site da Através Editora:
http://atraves-editora.com/produto/fonetica-do-portugues-passo-a-passo

ESCLARECIMENTOS SOBRE AS TRANSCRIÇÕES

A transcrição entre /barras/ (fonológica) é usada neste livro quando nos referimos claramente a *fonemas*; a transcrição entre [parênteses retos] (fonética), quando aludimos a realizações concretas desses fonemas. No entanto, em muitos contextos qualquer uma das duas poderia fazer sentido. Por isso, de forma geral, usámos a transcrição fonológica nas epígrafes «Foco», mais generalistas, e a fonética nas secções «Pormenor», mais focadas nas particularidades de pronúncia de cada som.

Escrevemos entre aspas angulares as transcrições «simplificadas», isto é, aquelas que não seguem o Alfabeto Fonético Internacional. Utilizámos ocasionalmente transcrições e terminologia simplificadas, a fim de facilitar a leitura e prática dos sons em causa. Também recorremos às aspas em linha quando fazemos uso de nomenclaturas simplificadas dos fonemas, como «e fechado» e «e aberto», ou quando referimos que a parte final do ditongo <ãe> é pronunciada «i» (numa transcrição fonética «certinha» o ditongo seria transcrito como [ɐ̃ɲ̃]).

Nem sempre as nomenclaturas «simplificadas» que resolvemos usar se correspondem exatamente com os nomes técnicos dos fonemas. Por exemplo, o «e fechado» [e], «o fechado» [o] e «a fechado» [ɐ] são, de facto, *semifechados;* o «e aberto» [ɛ] e o «o aberto» [ɔ] são, de facto, *semiabertos.*

A vogal que nós chamamos de «e relaxado» é de facto uma vogal central de realização fechada [ɨ] ou média [ə], mas que costuma ser representada apenas por um dos dois símbolos. Neste caso resolvemos usar o primeiro deles [ɨ], como se faz no *Dicionário Fonético* do Portal da Língua Portuguesa. Porém, à diferença do que se faz nesta obra de consulta, escolhemos não dividir as palavras em sílabas por meio de pontos, a fim de facilitar um pouco a leitura das transcrições.

Também procuramos soluções simplificadas ao transcrever pronúncias de outras línguas ou na transliteração de alguma palavra do russo. Nesses casos, optámos por formas adaptadas para transmitir de maneira mais clara a pronúncia na língua em causa.

AGRADECIMENTOS

Dedicamos este livro à Vera, à Irene e à Aloia,
que crescem acompanhadas pelo português.

Este livro não teria sido possível sem o trabalho inestimável de Ivonete da Silva Isidoro, Catarina Raposo e Miguel Moreira, que doaram as suas vozes para as gravações de áudio. Bem hajam pela ajuda que nos deram! E como as audições precisaram de um local para serem gravadas, deixamos também um muito obrigado ao IES S. Clemente

Pelas revisões pormenorizadas e sugestões, estendemos a nossa gratidão a Catarina Raposo, Mário João de Almeida Machado e Guilherme Malaquias; pelos esclarecimentos sobre diversos aspetos, a Xoán Lagares e a Eduardo Maragoto — a quem agradecemos igualmente a gentileza de nos fotografar.

Não podia faltar um muito obrigado a Miguel Durão, pela sua paciência e criatividade para transformar um ficheiro de texto neste livro que tens nas mãos; e um obrigadão a Andrea López, autora das ilustrações.

Às nossas famílias, agradecemos a paciência e compreensão. Este trabalho ocupou fins de semana e roubou horas de alguma viagem… O vosso apoio foi essencial.

Obrigado, sempre, a quem dá o passo de estudar português: a visão de quem anda a aprender a língua é fundamental para melhorar a precisão e a clareza da nossa escrita. Por isso, os vossos comentários e sugestões serão sempre bem-vindos. Tende a liberdade de nos contactar nas moradas de e-mail que aparecem na orelha do livro.

A PRONÚNCIA DO <O> COMO /U/
Fecha a boca como o crocodilo

FOCO

A maioria dos <**o**> átonos são pronunciados **[u]**. *Crocodilo* é pronunciado «*krukudilu*».

PORMENOR

São **tónicas** (*l**o**bo*) as vogais pronunciadas com maior intensidade e átonas (*amigo, Portugal, verde*) as menos fortes.

Em português, o contraste entre as vogais tónicas e as átonas é tão intenso que se fala em **redução das vogais**, quer dizer, as vogais em posição átona deixaram de ser pronunciadas tal como estão escritas, são menos «intensas»: em posição átona, o <**a**> é pronunciado **[ɐ]**; o <**e**> transforma-se em [ɨ], ou simplesmente desaparece; e o <**o**> vai para **[u]**. A redução das vogais é mais marcada em português europeu do que noutras variedades, como a brasileira.

A redução de <**o**> para **[u]** inclui os artigos, contrações, pronomes átonos e preposições (*n**o**, d**o**, vi-**o**, vê-l**o**, falou-n**o**s, p**o**r aqui*), palavras de uso muito frequente. A frase «*o crocodilo do meu primo morava no primeiro andar do prédio*» pronuncia-se «*u krukudilu du meu primu* murava nu *primeiru andar du prédiu*».

No entanto, nas sequências escritas <**on**>, <**om**>, quando o <n> e o <m> fecham a sílaba, a vogal é pronunciada [õ], isto é, como uma vogal nasal. Assim sendo, *comprimento* [kõprïmẽtu] (*a mesa tem cinco metros de comprimento*) tem uma pronúncia diferente de *cumprimento* [kũprïmẽtu] (*Bom dia, boa tarde e boa noite são cumprimentos*).

O <**o**> em **começo absoluto** de palavra tem diversas realizações, dependendo da palavra, da variedade geográfica, e até do registo. Uma das primeiras palavras que os estudantes aprendem, *olá* /ɔla/, tem um «o aberto» na primeira sílaba. Outra palavra icónica, *obrigado*, é pronunciada com «o aberto» [ɔbrïgadu], «o fechado» [**o**brïgadu], ou, num registo informal, prescindindo inteiramente da primeira sílaba [brïgadu] — eis um caso ainda mais extremo de redução.

A redução das vogais tem outras **exceções**. Por exemplo, não vai para [u] o <o> de palavras a que se acrescentou um **sufixo** como **-mente** ou **-inho** (*n**o**vamente* [nɔvɐˈmẽtɨ], *s**o**zinho* [sɔˈziɲu]); o que faz parte do primeiro elemento de algumas **palavras compostas** (*grec**o**-latino* [*grɛkɔlɐˈtinu*]); ou o que antecede **grupos de consoantes** que deixaram de ser escritas quando não são pronunciadas (*ad**o**tar* [ɐdɔˈtar]), escrito *ado**pt**ar* na grafia anterior ao Acordo Ortográfico).

Ora bem, as regras gerais têm um papel mais relevante do que as exceções na fase inicial de aprendizagem. Por isso, um bom primeiro passo sonoro é fechar a boca como o «krukudilu».

MARRAR E DESAMARRAR

Ouve a frase pronunciada e reflete sobre o grau de abertura das diferentes letras <**o**> marcadas a negrito: |1

> Ist**o** é ótim**o!** Estou agradecid**o** p**o**r t**o**d**o o** esf**o**rç**o.**
>
> «Ist**u** é ɔtim**u**, estou agradecid**u** p**u**r tod**u u** esforç**u**».

Ouve e pronuncia as seguintes expressões e provérbios, prestando atenção aos casos de <o> pronunciado [u]: |2

> Esperto como um alho.
>
> Teimoso como um burro.
>
> Agradar a gregos e troianos.
>
> Filhos criados, trabalhos dobrados.
>
> Antes burro vivo do que letrado morto.

AS PRONÚNCIAS DO <L> E DO <LH>
Faz a diferença entre lontra, caracol e ovelha.

FOCO

A lontra é um mamífero da família dos mustelídeos, aos quais também pertencem os glutões, os texugos e as doninhas, entre outros.

O <**l**> em início de palavra ou de sílaba (*lontra, coala, búfalo*) é pronunciado com **[l]**, consoante lateral e alveolar. É um <**l**> ligado à vogal seguinte.

O caracol é um molusco gastrópode. As espécies aquáticas também são chamadas de caramujos.

O <**l**> final de palavra ou de sílaba (*caracol, golfinho*) é pronunciado com **[ɫ]**, consoante lateral e velarizada. É similar ao chamado «dark L / (ele escuro)» do inglês (*ball, fill, always, fiddle*) e à denominada «*ela molla*» ou «*ela fosca*» do catalão (*molt, sol, malgrat, paltó*). É um <**l**> ligado à vogal precedente.

O <**lh**> de *ovelha* e *abelha* é uma consoante lateral **[ʎ],** palatal ou alveopalatal. Outras línguas como o catalão (*llac*) ou o o sérvio (љубав / ljubav, «amor») têm um **[ʎ]** inicial. Em português, só raramente ocorre em início de palavra: *lhama*, *lhano*... Porém, um dos casos é o pronome de objeto indireto *lhe*, de uso muito frequente.

PORMENOR

A pronúncia habitual do <**lh**> no português europeu é a consoante lateral **[ʎ]**.

Aviso para estudantes que têm o espanhol como referência: hoje em dia, a maior parte dos falantes de espanhol pronunciam da mesma maneira o <**ll**> e o <**y**> dessa língua, resultando no chamado «yeísmo». Nalgumas variedades do espanhol da Península Ibérica, o «yeísmo» leva a pronunciar um som próximo de uma semivogal (*calle* [j], como o inglês *your*). Noutras variedades, como a argentina e a uruguaia, ouviremos um som levemente africado (*conllevar, llave* [dʒ], como o inglês *jar*), ou inclusive fricativo ([ʒ] ou [ʃ]), como no chamado «yeísmo rehilado» da região rioplatense. A pronúncia do **[ʎ]** nas palavras escritas com o dígrafo <**lh**> será, portanto, um

aspeto relevante para quem parte de uma variedade «yeísta» do espanhol. O «yeísmo» também está presente na variedade oral galega. O linguista Xosé Ramón Freixeiro Mato atribui esta tendência à influência do castelhano, e considera que poderia ser um *passo irreversível* no sistema fonológico galego (Freixeiro Mato, 2006, pp.180-181). A prática da pronúncia do **[ʎ],** consequentemente**, é relevante para os estudantes de português com o galego como língua de referência.**

O <**lh**> de palavras como *filha*, *trabalho* ou *navalha* também é pronunciado como /j/ («fia», «trabaio», «navaia») nas variedades populares do português de algumas zonas do Brasil.

No Brasil, o **[ɫ]** tende a ser pronunciado como **[w]**, servindo como exemplo o próprio nome do país, que na pronúncia mais comum seria [bɾa'ziw]. Consequentemente, não se faz diferença na pronúncia dos pares *mal/mau* e *alto/auto.*

MARRAR E DESAMARRAR

Ouve as seguintes palavras e imita a sua pronúncia:

|28

Mal	Animal	Mel	Papel

Ouve os pares de palavras e imita a sua pronúncia. Repara na oposição entre os sons **[ʎ]** e **[j]**:

|29

Maia / Malha	Caio / Calho	Raia / Ralha	Teia / Telha

Agora vais ouvir cinco vezes os pares de palavras **teia** / **telha** e **maio** / **malho**. Escreve «**i**» se ouvires te**i**a, ma**i**o, e «**lh**» se ouvires te**lh**a, ma**lh**o:

|30

Te a	Te a	Te a	Te a	Te a
Ma o	Ma o	Ma o	Ma o	Ma o

teia, telha, teia, teia, telha
maio, malho, malho, maio, maio

Lê o trava-línguas e as lengalengas, com o foco nas palavras com <lh>:

A vaca malhada foi molhada por outra vaca molhada e malhada.

Esta casa está bem ladrilhada.
O ladrilhador que a ladrilhou
era um bom ladrilhador.
Se a quiser desladrilhar,
o desladrilhador que a desladrilhar
tem que ser um bom desladrilhador.

(Lengalenga tradicional)

Tenho uma capa bilrada, chilrada, galripatalhada;
Mandei-a ao senhor bilrador, chilreador, galripatalhador;
Que ma bilrasse, chilrasse, galripatalhasse,
Que eu lhe pagaria bilraduras, chilraduras,
galripatalhaduras.

(Lengalenga tradicional)

A GRUMETE PERGUNTA

A grumete adora banda desenhada. Numa escala no Rio de Janeiro comprou várias historinhas de uma das bandas desenhadas mais populares do Brasil, a *Turma da Mônica*, criada pelo cartunista Maurício de Sousa.

O livreiro disse-lhe que por vezes nos diálogos apareciam elementos da língua popular. Como exemplo, escolheu a fala do Chico Bento, uma personagem caracterizada pelo seu sotaque *caipira* — isto é, relacionado com a vida no campo no interior do Brasil.

No diálogo, relacionado com o trabalho na terra, a grumete não percebe as palavras *iscoiendo* e *mió*. Podes ajudar a grumete?

— Sei como semeá a terra, iscoiendo as mió semente!
— O como si repranta as mudinha di verdura im outro cantero!

No Brasil há zonas onde o «yeísmo» é habitual nas falas populares. Neste caso, as palavras que usa a personagem são *escolhendo* e *melhor* — nesta última o -r final da palavra é omitido. Repara noutros exemplos de fala popular: *semeá* (semear); *as mudinha* (falta de concordância singular-plural). Um *canteiro*, em contexto agrícola, é um espaço demarcado para plantar, por exemplo, num jardim ou horta.

Já agora, encorajamos-te a ler as bandas desenhadas da série da *Turma da Mônica* (*Mônica, Cebolinha, Cascão*, etc.) e até da *Turma da Mônica Jovem*, uma versão para adolescentes com estilo manga. É fácil encontrá-las em Portugal. Também há versões de desenhos animados, disponíveis na Internet.